

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

GILIANE GARCIA DA SILVA

**RETALHOS DE MEMÓRIA EM *ONDE CANTAM AS SERIEMAS* DE OTÁVIO
GONÇALVES GOMES**

JARDIM – MS

2012

GILIANE GARCIA DA SILVA

**RETALHOS DE MEMÓRIA EM *ONDE CANTAM AS SERIEMAS* DE OTÁVIO
GONÇALVES GOMES**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras-Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Susylene Dias de Araújo

JARDIM-MS

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Garcia da Silva, Giliane

Retalhos de memória em onde cantam as seriemas de
Otávio Gonçalves Gomes/ Giliane Garcia da Silva.
Jardim: UEMS, 2012. 54 p. ;

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul.

1. Memória 2. Literatura 3. Mato Grosso do Sul

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) somente para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Assinatura do autor: _____

GILIANE GARCIA DA SILVA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RETALHOS DE MEMÓRIA EM *ONDE CANTAM AS SERIEMAS* DE OTÁVIO
GONÇALVES GOMES**

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susylene Dias de Araújo
UEMS

Avaliador
Prof. Me. Rosicley Andrade Coimbra
UEMS

Avaliadora
Prof^a Me. Josilene Moreira Silveira
UEMS

A Lucas Garcia, filho amado.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Susylene Dias de Araújo, por me orientar neste trabalho, com sua experiência e dedicação muito contribuiu para o meu crescimento como futura professora.

Aos demais professores da Unidade de Jardim que ao longo desses quatro anos, contribuíram de forma significativa para o meu aprendizado e conhecimento.

Ao meu filho Lucas, que nesses anos soube compreender minha falta de tempo para com ele.

A minha mãe Tenaide, que sempre me incentivou e deu forças para continuar.

E a todos os acadêmicos do 4º Ano de Letras que fizeram parte da minha vida durante o curso, em especial as minhas queridas amigas de todos os momentos, Katiane, Nelciane, Thaisa e Yang.

“[...] memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Jaques Le Goff

RESUMO

As obras autobiográficas ou memorialísticas ainda hoje são praticamente desconhecidas pelos leitores e acadêmicos, assim pretendemos com este trabalho, mostrar a devida importância da obra *Onde cantam as seriemas*, considerada por muitos críticos como gênero memorialístico e registro histórico da formação cultural e da história literária do estado de Mato Grosso do Sul, trazemos ao conhecimento do leitor o acadêmico, escritor e poeta. Otávio Gonçalves Gomes, autor da obra em questão, fazendo um breve comentário a cerca da criação do estado de Mato Grosso do Sul, colocando em destaque a obra na qual o escritor registra em memórias suas recordações mais preciosas de infância passada na Vila do Rio Pardo (atual Ribas do Rio Pardo). Fazemos um breve comentário da vida desse escritor, membro da Academia sul-mato-grossense de Letras, sua atuação no setor cultural do Estado, bem como sua colaboração para a criação dos símbolos, como o Hino de Mato Grosso do Sul que é de sua autoria juntamente com o acadêmico e cronista Jorge Antônio Siúfi. Escolhemos nessa obra três relatos para análise: “A Vila do Rio Pardo”, “Vida de Carreiro” e “União o primeiro jornal”, pois esses relatos têm um papel fundamental na formação da memória, da cultura e da construção do novo estado sul-mato-grossense.

Palavras-Chave: Memória. Literatura. Mato Grosso do Sul

ABSTRACT

The autobiographical works or memorialísticas today are virtually unknown to general readers and academics, this way with this work I intend, to show the importance of proper work, *Onde cantam as seriemas*, considered by many critics as memorialistic genre and historical record of cultural and literary history of Mato Grosso do Sul state, I bring to the attention of the academic reader, writer and poet, Otávio Gonçalves Gomes, author of the work in question, making a brief comment about the creation of Mato Grosso do Sul state, emphasizing the work in which the writer records his most precious memories of childhood spent in the village of Rio Pardo (current Ribas do Rio Pardo). I make a brief review of the life of this writer, member of the Academia sul-mato-grossense de Letras, his performance in the cultural sector of the state, as well as his collaboration for the creation of symbols, like the anthem of Mato Grosso do Sul, which He is the author along with academic and columnist Jorge Antônio Siúfi. I choose this work three reports for analysis: “A Vila do Rio Pardo”, “Vida de Carreiro” e "União o primeiro jornal, because these reports have very important role in memory formation, culture and the construction of the new Mato grosso do sul state.

Keywords: Memory. Literature. Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - A FORMAÇÃO CULTURAL DE UM ESTADO: UM POUCO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL	
1.1 Ainda em Mato Grosso.....	12
1.2 Em Mato Grosso do Sul.....	14
1.3 Um breve relato sobre a história de Mato Grosso do Sul.....	15
CAPÍTULO II – OTÁVIO GONÇALVES GOMES: RETALHOS DA VIDA EM MEMÓRIAS	
2.1 Novas leituras.....	22
CAPÍTULO III – A (RE) INVENÇÃO DA MEMÓRIA EM <i>ONDE CANTAM AS SERIEMAS</i>	
3.1 O relato como crônica do cotidiano.....	27
3.2 Os relatos como crônicas do dia a dia na obra de Otavio Gonçalves Gomes.....	28
3.2.1 “A Vila do Rio Pardo”.....	29
3.2.2 “Vida de Carreiro”.....	32
3.2.3 “União o Primeiro Jornal”.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	38
ANEXO A.....	39
ANEXO B.....	40
ANEXO C.....	46
ANEXO D.....	52

INTRODUÇÃO

Apresentamos esse trabalho com base na obra *Onde cantam as seriemas* de Otávio Gonçalves Gomes, escritor regionalista tão pouco conhecido pelos acadêmicos e leitores. Acreditamos que o melhor artifício para um escritor não “morrer de todo” é deixar registrado, além de suas obras poéticas e ficcionais, depoimentos, relatos ou testemunho de sua vida. Assim a literatura é uma promessa de imortalidade que salva os autores do esquecimento.

O trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro capítulo apresentamos um panorama geral do nascimento, formação cultural e a história literária do Estado de Mato Grosso do Sul, traçando resumidamente o caminho percorrido pela comissão criada pelo governo para a escolha do Hino do novo estado, ressaltando a enorme contribuição do acadêmico Otávio Gonçalves Gomes como membro da Academia sul-mato-grossense de Letras para a criação do Hino.

No segundo capítulo, abordamos a vida do engenheiro-agrônomo, escritor, poeta e sócio-fundador da Academia de Letras e História de Campo Grande, Otávio Gonçalves Gomes, relatando brevemente sua história e sua atuação no setor cultural do Estado. Sua obra, *Onde cantam as seriemas*, notável como literatura e como registro histórico foi analisada neste trabalho com o intuito de mostrar aos leitores a importância dessa obra como registro histórico da formação do novo estado de Mato Grosso do Sul, através das recordações ou relatos de memória da infância e adolescência vividas em Ribas do Rio Pardo por Otávio.

No terceiro capítulo, contextualizamos a (re) invenção da memória na obra de Otávio *Onde cantam as seriemas*, e fizemos algumas ponderações sobre a memória, a literatura e a crônica. Apresentamos o *corpus* do trabalho com a escolha de três relatos para análise, “A vila do rio pardo”, “Vida de carreiro” e “União o primeiro jornal”, retirados da obra construída pelo recurso da memória de Otávio Gonçalves Gomes.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO CULTURAL DE UM ESTADO: UM POUCO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL

1.1 Ainda em Mato Grosso

Na entrecapa do livro *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, escrito por José Couto Vieira Pontes, Luz e Silva¹ reconhece a obra da seguinte maneira:

[...] esta obra se torna, desde logo, fundamental para todos os interessados na formação cultural deste novo Estado brasileiro, traça aqui com absoluta propriedade o panorama geral da manifestação literária na região. [...] [...] sendo José Couto Vieira Pontes um daqueles intelectuais para quem a Literatura significa paixão, José Couto faz um balanço em seu livro, relacionando obras e autores e vai além, procura expor idéias, descrever motivos, recriar emoções, sempre em termos estéticos, na busca de uma concepção de mundo. Ou seja, viu ele a criação literária em termos de experiência humana.

A partir deste livro, Vieira Pontes, um dos primeiros a escrever sobre a Literatura de Mato Grosso do Sul, nos lembra que tais literaturas seguiram sempre os modelos da metrópole, que por sua vez seguia a orientação cultural europeia, principalmente a francesa, de onde provieram o romantismo, o realismo, o simbolismo, etc. Apesar dos importantes núcleos literários em São Paulo, Recife, Porto Alegre e outras grandes capitais, a metrópole era o Rio de Janeiro, para onde afluíam os homens de letras do Norte, do Nordeste, mesmo do Sul e do Centro-Oeste. No início da década de 1950, vários movimentos literários da Província, reunidos em torno de revistas como “Revista Branca”, de “Sul” e de “Kronos”, admitiam a descentralização literária. Mas, nem mesmo a vitalidade da Província conseguiu roubar do Rio de Janeiro sua posição de Metrópole literária. Conforme lembra Pontes (1981, p. 13), “parece que os tempos preservam o sonho de Machado de Assis, em seu discurso de instalação da Academia Brasileira de Letras: Conservar, na Federação, a unidade literária”.

¹ Luz e Silva – editor da capa do livro *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, de José Couto Vieira Pontes.

Na obra *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*, Pontes (1981) menciona o historiador Demosthenes Martins ao reconhecer que a atividade humana dominante no Sul de Mato Grosso, desde os primórdios de seu desbravamento, capaz de modelar a feição do homem e detonar as primeiras manifestações sociais e psicológicas, foi a pecuária comentando que:

[...] O boi criava o homem, essa é a verdade [...] [...] Primeiro o couro, para a comercialização com o exterior, depois a carne. Assim, numa sociedade de homens afeitos às duras e arriscadas lides do campo, sujeitos aos constantes assédios dos índios e aos ataques dos bandoleiros, dificilmente se desenvolveria, naqueles rudes tempos, alguma atividade cultural. Literatura é fenômeno de aglomerados humanos, de convivência, em que se chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma determinada região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais. (PONTES, 1981, p. 21).

Lendo a obra de José Couto Vieira Pontes ficamos sabendo que, por ocasião da descoberta do Brasil, a região sul-mato-grossense era habitada pelas tribos indígenas e o primeiro homem branco a pisar-lhe o solo foi Aleixo Garcia, vindo de Portugal. Seguiram-se, no povoamento do Sul de Mato Grosso os Coelhos, os Souzas os valorosos Lopes, e os Barbosas. Pontes (1981) diz que não há notícias nessas épocas, nos primeiros núcleos populacionais do Sul de Mato Grosso, de alguma atividade ou algum nome ligado à Literatura escrita. Mesmo assim, tudo indica terem sido os trabalhos escritos de Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres os primeiros a revelarem preocupação literária.

Segundo Pontes (1981), em 1877, surgiu em Corumbá o primeiro jornal da região Sul de Mato Grosso, “O Iniciado”, editado pelo pioneiro da imprensa Silvestre Antunes Pereira. Contribuindo poderosamente para o desenvolvimento cultural da região o silvo civilizador das locomotivas da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, abrindo caminho para o surgimento de um ambiente propício para às lides intelectuais. Em Mato Grosso do Sul desde os primeiros movimentos e iniciativas literárias, o jornal desempenhou o papel de divulgador e editor dos trabalhos dos homens de Letras.

Pontes (1981) lembra que, no dia 13 de outubro de 1971, há exatamente vinte horas no Saguão do Hotel Campo Grande, teve início uma cerimônia literária jamais vista em todo o Estado de Mato Grosso, até mesmo em Cuiabá, famoso centro de cultivo das letras: houve uma noite de autógrafos nos moldes de Rio e São Paulo. O intelectual e tabelião Ulysses Serra autografava seu livro de crônicas do passado campo-grandense, *Camalotes e Guavirais*.

Salienta Pontes que, nenhuma pessoa, de algum modo, ligada à arte literária, pelo amor à leitura ou pelo cultivo das letras, conseguiu ficar em casa. Prossegue Pontes (1981)

relatando que em 13 de outubro de 1972, por ironia da vida, mesmo que ninguém a princípio tenha notado a coincidência, no mesmo local, um ano após o lançamento de *Camalotes e Guavirais*, instala-se solenemente a Academia de Letras e História de Campo Grande, com a honrosa presença do acadêmico Ivan Lins, da Academia Brasileira de Letras, e do ficcionista Hernâni Donato, da Academia Paulista de Letras. Comenta Pontes:

Noite memorável, discursos eruditos. Mas um grande vazio: Ulysses não está presente. Ele assiste a tudo das galerias da eternidade e sabíamos que ele estava feliz. No convite para a solenidade, a nossa palavra honrada: “Não nos esquecemos de você, Ulysses”. (PONTES, 1981, p. 38)

Pontes (1981) esclarece que a Academia de Letras e História de Campo Grande em 3 de maio de 1973 transformou-se em Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a qual é a entidade literária máxima do Estado, orgulha-se por ter sido precursora da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, tendo em vista que colaborou para a geração de condições culturais, valorizando a contribuição intelectual como esteio da implantação de um novo Estado.

1.2 Em Mato Grosso do Sul

Conforme Pontes (1981), desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal foi quem desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras. Na história literária da região, muitos jornalistas celebrizaram-se, como Arlindo de Andrade Gomes (fundador do primeiro jornal de Campo Grande), Eduardo Olímpio Machado, Jayme Ferreira de Vasconcelos, Heretiano Rios, Belisário Lima, Herbert de Almeida, Dauto de Almeida Santiago, Júlio da Silva, José Barbosa Rodrigues, Pery Alves Campos, Assaf Trad, Elmano Soares, Weimar Torres e outros. Segundo palavras de Pontes (1981):

Em Mato Grosso do Sul é farto o acervo de bons trabalhos literários publicados pelas revistas e jornais, a maioria de efêmera existência, como a preciosa “Folha da Serra”, editada em Campo Grande, de 1931 a 1940, por Aguinaldo Trouy, uma das melhores do interior brasileiro, em seu tempo. E, ainda, “Civilização”, dirigida por Pery Alves Campos, em 1934. Nossa Academia conseguiu reunir e encadernar convenientemente os volumes de uma coleção completa da “Folha da Serra”. (PONTES, 1981, p. 26).

Comenta ainda Pontes (1981) que, vários jornais, que tiveram a colaboração dos homens de letras do passado, já desapareceram, como: “O Progressista”, “O Matogrossense”, “O Jornal do Povo”, “O Campograndense”, “O Idealista”, “Jornal do Comércio”, “Correio do Sul”, “A Campanha” e “O Imparcial”, todos de Campo Grande, muitos criados somente para respaldo temporário dos homens também temporários, os políticos. Pontes afirma ainda que não houve em Mato Grosso do Sul outro veículo de comunicação cultural que tenha contribuído mais para a difusão e o cultivo da Literatura do que a imprensa escrita.

De acordo com Pontes (1981), durante longo espaço de tempo da vida cultural do sul-mato-grossense a juventude desenvolveu suas atividades literárias nos grêmios literários, muitos tinham seus trabalhos publicados periodicamente. Tendo em vista a carência de condições necessárias para o desenvolvimento noutras esferas, pela inexistência de vida literária na cidade, a não ser pela produção bissexta de algum autor isoladamente, essas agremiações fizeram época e abrigavam em seus jornaizinhos até mesmo colaborações de autores estranhos aos quadros estudantis. Destacaram-se “A Pena”, órgão do Grêmio Literário Machado de Assis, do Colégio Estadual Campo-Grandense, que nas décadas finais de 1950 recebeu criteriosa direção de renomados mestres, como a Prof.^a Maria Constança de Barros Machado e Prof. Múcio Teixeira Júnior, “O Castro Alves”, e “O Ginásio” do Grêmio Literário José de Anchieta, do Colégio Dom Bosco, todos de Campo Grande. Diz Pontes que “Esses grêmios literários foram o nascedouro, a matriz de inúmeros escritores brasileiros” (PONTES, 1981 p.).

1.3 Um breve relato sobre a História de Mato Grosso do Sul

De acordo com Carlos Magno Mieres Amarilha, em sua Dissertação de Mestrado, a divulgação das entidades Mato-Grossenses efetivadas pelo Instituto Histórico de Mato Grosso (IHMT) e pelo Centro Mato-Grossense de Letras (CML) ocasionou uma rejeição por parte de uma elite mandante (na maioria pecuaristas) da cidade de Campo Grande, que não aceitava ser comparada com a gente cuiabana. Sobre este assunto, Amarilha (2006) menciona o historiador Paulo Roberto Cimó Queiróz que em seu texto de 2005 com o título “Divisionismo e identidade mato-grossense e sul-mato-grossense: um breve ensaio”. Esclarece o historiador,

[...] os líderes sulistas buscam a máxima desvinculação possível em relação ao ‘Norte’ – rejeitando, portanto, aquela idéia de Cuiabá como ‘cidade mãe’ dos Mato-Grossenses. Assim, procura-se negar qualquer influência ‘cuiabana’ no desenvolvimento da ‘civilização sulista’ (QUEIROZ, 2005, p. 10).

Conforme Amarilha (2006), as imagens apontadas pelos intelectuais nortistas e as ações políticas do governo estadual não eram bem recebidas, pela elite em ascensão no Sul de Mato Grosso, particularmente por moradores da cidade de Campo Grande, sobretudo a partir da década de 1930. Então, com a implantação do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio do governo militar, em 1977, mas efetivado a partir do ano de 1979 (com a sigla MS), a recente unidade federativa do Brasil tem a necessidade de incluir uma história com aspectos próprios. É nesse intervalo do processo de implantação do Estado de Mato Grosso do Sul (MS) que os homens de letras, sócios da Academia de Letras e História de Campo Grande (ALH-CG, fundada em 1972) ampliam os seus poderes simbólicos e fundam, em 1978, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS) e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL).

Acerca da criação do estado de Mato Grosso do Sul, Amarilha (2006) menciona ainda os estudos de Marisa Bittar e a assertiva de que o Estado nasce por uma determinação pessoal do general Ernesto Geisel (presidente do estado de Mato Grosso entre 1974-1978). Em 3 de maio de 1977, o presidente Ernesto, em nome da Segurança Nacional, divide o Estado de Mato Grosso e apresenta oficialmente uma nova unidade da federação, o “Estado de Campo Grande” sendo a sua capital, a cidade de Campo Grande, houve então uma reação ao nome por parte dos moradores do novo Estado de Campo Grande, essa denominação não perdurou por iniciativa da população. Assim, Wilson Valentim Biasotto assegura que:

[...] deveria ser Mato Grosso do Sul, concluímos aquela época. Manteríamos a tradição e o povo, especialmente os mais velhos, guardariam suas lembranças. A separação seria apenas política e territorial, manteríamos os nossos laços, inclusive através do nome. E assim nem precisaríamos abrir mão do nosso símbolo, consagrado através da música: a seriema. (BIASOTTO, 1999, apud AMARILHA, 2006, p.2).

Ainda segundo Amarilha (2006), em 11 de outubro de 1977, nasce o novo estado, intitulado Estado de Mato Grosso do Sul, e Campo Grande passa a ser sua capital. Veio então o concurso do hino e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, por meio de seus sócios, foi convidada a assessorar atividades culturais extra-oficialmente ao novo Governo Harry

Amorim Costa que se instalava. O novo governo cria uma comissão que coordena a escolha da bandeira, do hino, do brasão por meio de concursos. Diz Amarilha (2006):

Conta o sócio da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Otávio Gonçalves Gomes o qual era integrante da comissão que ajudava o novo governo a organizar os símbolos que seriam implantados no estado de Mato Grosso do Sul, deste modo, como Gomes também participaria do concurso, resolveu sair da comissão, para poder se inscrever e concorrer na composição do Hino oficial. (AMARILHA, 2006, p. 160).

Assim, o acadêmico da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Otávio Gonçalves Gomes, lembra que nenhum, “[...] dos concorrentes conseguiu aprovação da COMISSÃO, mais por imposição de pessoas de fora do Estado que desconheciam as realidades nossas do que propriamente falta de qualidades dos trabalhos” (GOMES, 2005, p. 2 apud AMARILHA, 2006). As letras inscritas no concurso para o Hino não agradaram aos organizadores do governo, assim a comissão determinou que contratassem compositores de prestígio e poetas reconhecidos no Rio de Janeiro. Conta-nos Gomes que:

Com a urgência da criação do Hino a Comissão encarregada envia José Couto Vieira Pontes para o Rio de Janeiro, este é levado ao MAESTRO RADAMÉS GNATTALI, por Odílio da Costa Filho, da Academia Brasileira de Letras. O maestro compôs a melodia. Quanto ao poema o emissário que foi ao Rio de Janeiro disse que depois de consultado, alguns especialistas, declararam, que ao que sabiam do ambiente cultural do nosso Estado, haveria certamente, poetas capazes de realizar aquele trabalho; e declinaram o convite. (GOMES 2005 apud AMARILHA, 2006, p. 2).

Ressalta Amarilha (2006) que, às vésperas da instalação oficial do governo da nova unidade federal (MS), o Hino não se encontrava pronto, “convocada às pressas a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, lhe foi dada a missão de compor o poema do Hino do Mato Grosso do Sul. Faltava possivelmente uma semana para a instalação do Governo do novo estado” (GOMES, 2005, apud AMARILHA, 2006, p. 2). Assim, os acadêmicos consultados, devido à responsabilidade, e exigência do curto espaço de tempo, desistiram.

Assim, segundo o representante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Otávio Gonçalves Gomes, “os dois únicos que consultados disseram estar dispostos a tentar, nós, estudiosos da nossa HISTÓRIA e com um livro de poesia publicado; e Jorge Siúfi, apresentador musicista e cantor de seresta. E COUTO PONTES, na qualidade de Presidente

da ACADEMIA, na coordenação” (GOMES, 2005, apud AMARILHA, 2006, p. 2). O acadêmico Otávio Gonçalves Gomes relata,

[...] iniciamos a composição, cientes de que, devido, à urgência, o poema seria composto em versos branco, estilo modernista. Nós que havíamos concorrido ao concurso com uma letra baseada em temas históricos e da nossa natureza, continuamos usando os mesmos temas que julgávamos deveras oportunos. (GOMES, 2005. P. 2).

Nesse sentido, diz Amarilha (2006), Otávio Gonçalves Gomes conta que:

A professora NEUSA G. GOMES, convocada, ia executando a melodia ao piano. Nós e o Jorginho fomos tentando as fases e o COUTO PONTES opinava. Assim foi composto o esboço do HINO, em mais ou menos duas horas. O passo seguinte era a adaptação técnica do poema à melodia” (GOMES, 2005, apud AMARILHA, 2006, p. 2).

Após muitas dificuldades conseguem harmonizar a letra à partitura, mas não dava certo com a banda da polícia militar, a interpretação não era boa,

Foi quando a professora NEUSA exasperada tomou a si a regência do ensaio e pediu mais entusiasmo na execução. Nesse momento veio-nos a idéia de dizer aos participantes da Banda, o significado histórico do poema do Hino. Acreditamos ter conseguido transmitir aos músicos algum entusiasmo patriótico, porque um oficial militar ali presente, entusiasmado com as nossas palavras, em vibrante alocução exortou aos músicos a executarem a partitura com mais vibração e sentimento, o que foi conseguido. Nesse ínterim, o Coral Universitário realizava os ensaios, e chegava a Orquestra Sinfônica Brasileira, que executou a partitura de Radamés Gnattali no ensaio geral, junto ao Coral Universitário. (GOMES, 2005, p. 2).

Portanto, o Hino de Mato Grosso do Sul (oficializado por meio do Decreto n.º 3, de 1º de Janeiro de 1979) tem letra de Jorge Antônio Siúfi e Otávio Gonçalves Gomes e música de Radamés Gnattali. Ficou assim constituído:

Hino de Mato Grosso do Sul

Os celeiros de farturas,
Sob um céu de puro azul,

Reforjaram em Mato Grosso do Sul
Uma gente audaz.

Tuas matas e teus campos,
O esplendor do Pantanal,
E teus rios são tão ricos
Que não há igual.

A pujança e a grandeza
de fertilidades mil,
São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.

Moldurados pelas serras,
Campos grandes: Vacaria,
Rememoram desbravadores,
Heróis, tanta galhardia!

Vespasiano, Camisão
E o tenente Antônio João,
Guaicuru, Ricardo Franco,
Glória e tradição!

A pujança e a grandeza
De fertilidades mil,
São o orgulho e a certeza
Do futuro do Brasil.

É importante ressaltar que, José Couto Vieira Pontes, poeta, escritor, formado em Direito, foi nomeado Procurador Geral do Estado, participou de todos os atos de instalação do Estado de Mato Grosso do Sul, como Presidente da Comissão para a escolha dos símbolos estaduais. Foi um intelectual das letras, assim como Otávio Gonçalves Gomes, eram amigos, e membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Os dois poetas contribuíram significativamente para a formação cultural de Mato Grosso do Sul, tanto através de sua atuação junto a Academia, quanto através de suas obras que como poucos, souberam valer-se da palavra para eternizar o que nem a própria memória é capaz de resguardar.

CAPITULO II

OTÁVIO GONÇALVES GOMES: RETALHOS DA VIDA EM MEMÓRIAS

Nesse capítulo faremos algumas considerações sobre um homem de Letras, reconhecido por José Couto Vieira Pontes (1981) como alguém profundamente interessado pelo tema e fecundamente apaixonado pela terra, pelo canto dos pássaros, pelos termos e modismos regionais, pela poesia da região e até mesmo pela sua História: Otávio Gonçalves Gomes.

Nascido em Coxim em 1916, viveu a infância quase toda na bucólica cidade de Ribas do Rio Pardo, cuja vida se desenrolava em torno da Casa Fontoura e da Estação da Estrada de Ferro da NOB, paisagem física e humana que lhe valeu as memórias contidas em “*Onde Cantam as Seriemas*” e grande parte dos versos de “*Lampejos*”, livros lançados após a criação da Academia de Letras e História de Campo Grande, em 1972.

Otávio Gonçalves Gomes, engenheiro-agrônomo, formado pela Faculdade Nacional de Agronomia (a famosa do Km 47), dedicou-se, durante muitos anos, a trabalhos de topografia, tendo percorrido e medido imensas vastidões do então pouco palmilhado solo de nossa região, o que ampliou seus conhecimentos a respeito da terra, seus costumes, usos e linguajar. Perito nesses assuntos, não admite confusão entre as vozes dos pássaros e os nomes dos objetos rurais. Colaborou em vários jornais de Campo Grande, nas décadas de 1940 e 1950, mantendo no extinto “O Matogrossense” uma seção assinada com o pseudônimo de I. Guaicurus (não teria sido mera coincidência a adoção), sendo, dessa forma, um daqueles raros pioneiros das lides intelectuais em nossa terra.

Tais informações, escritas por José Couto Vieira Pontes, revelam a vida de um dos sócios fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande, cuja atuação no setor cultural do Estado foi uma das mais intensas, pronunciando palestras, participando de comissões julgadoras de concursos e orientando lançamentos editoriais e outras iniciativas literárias. Seu relato de memória, focalizando a pitoresca Ribas do Rio Pardo, mereceu prefácio de Câmara Cascudo, o eminente folclorista potiguar, laureado com o Prêmio Nacional de Literatura pela Fundação Cultural do Distrito Federal. Ainda de acordo com

Pontes (1981), no livro de reminiscências “*Onde Cantam as Seriemas*” o autor sul-mato-grossense evoca a pequena cidade de Ribas do Rio Pardo, com seus costumes, suas tradições, as intrigas e contradições do cotidiano, que cairiam fatalmente na voragem do esquecimento, não se perfilassem na procissão de personagens e no escoar de fatos de eleição do memorialista. No prefácio, Mestre Câmara Cascudo afirma, com sua autoridade:

Otávio Gonçalves Gomes reuniu as figuras e episódios que o canto das seriemas evocara no espaço e tempo das lembranças indeformáveis [...] É um documentário que a História valoriza porque fixou pormenores na limitação geográfica dos acontecimentos, permanentemente esquecidos pelo historiador mecânico dos sucessos convencionais (CAMARA CASCUDO apud GOMES, 1988).

Segundo Pontes (1981), vários autores estaduais e nacionais já se manifestaram a respeito do autor de “*Onde Cantam as Seriemas*”. O de maior nomeada é, sem dúvida, Câmara Cascudo, que lhe fez o prefácio, de que já citamos uma parte, valendo a pena transcrever ainda esta:

Otávio Gomes reafirma a força viva de sua espontaneidade comunicativa. O livro leva a todos os olhos leitores o encanto peculiar e local, patrimônio da região, testemunha de criaturas humanas que viveram sua hora de notoriedade popular (CAMARA CASCUDO apud GOMES, 1988).

Também lembrado por Pontes, Alberto Lemos, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e contista laureado no Concurso Unibanco de Literatura 1977, escrevendo no “Diário Popular”, de São Paulo, em 28 de dezembro de 1975, comenta:

Sem o dom de observação de Otávio Gonçalves Gomes, muita coisa estaria perdida para Rio Pardo. E se, nas praças da pequenina cidade, não há, ainda, nenhuma estátua de herói ou de pioneiro, este livro ficará, como um monumento, um marco de cultura para que os pósteros possam conhecer as raízes de seu burgo e avaliar a estatura dimensional de seus homens de antanho (LEMOS apud PONTES, 1981, p. 103).

Ainda nas opiniões na 2ª edição do livro *Onde Cantam as Seriemas*, temos as palavras de Carlos Francisco Moura – Professor Universitário e Pesquisador da Fundação Gulbenkian “*Onde cantam as seriemas*, notável como literatura, como documento humano e como registro histórico”.

Por fim, as palavras do Prefácio do livro, escritas por Luis da Câmara Cascudo a respeito de Otávio o descrevem-no de maneira singular: “O menino do Rio Pardo situa-se na linha dos escritores jubilosos da Cultura Popular que se vai tornando História, Etnologia, Arte, vitalidade criadora da motivação que é Memória e não Imaginação” (CAMARA CASCUDO apud GOMES, 1988).

2.1 Novas leituras

Recentemente, registram-se novas interpretações críticas sobre Otávio Gonçalves Gomes e sua obra, destacando-se o trabalho do professor Paulo Bungart Neto (2009), “A formação histórica e cultural do Mato Grosso do Sul através das obras de memórias”. Segundo ele, a prosa e a poesia, produzidas no Mato Grosso do Sul, despertam interesse em vários tipos de público, incluindo a crítica especializada; as obras autobiográficas ou memorialísticas são praticamente desconhecidas dos leitores, pesquisadores e acadêmicos do Estado. Ele salienta ainda a importância que o gênero memorialístico alcança no atual estágio dos estudos literários e culturais, a maioria dos memorialistas sul-mato-grossenses também se dedicou a outros gêneros literários como poesia, crônica, ensaio, etc. e não-literários, jornalismo e história.

De acordo com Bungart Neto (2009), tais relatos autobiográficos, em sua grande maioria, narram fatos passados há várias décadas, como é o caso de *Onde Cantam as Seriemas*, obra memorialística do poeta e engenheiro agrônomo Otávio Gonçalves Gomes, na qual o escritor registrou em relatos de memória suas recordações mais preciosas da infância passada em Ribas do Rio Pardo à margem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNB), ferrovia que, por muitos anos, constituiu-se no único elo entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, já que naquele tempo não havia ainda pontes interligando esses dois estados brasileiros. Diz ainda Bungart Neto (2009) que, *Onde cantam as seriemas* é composto de capítulos curtos

e extremamente líricos, justamente para fixar recordações ligadas à fauna e à flora da região como:

As seriemas são aves encontradas nos terrenos secos, campos e cerrados do centro oeste brasileiro. Em dias de sol, elas estão presentes nos espigões dos cerrados, nos outeiros junto às casas de morada, ou à beira das estradas. Passeiam, as vezes, pelos resfriados das pontas de cabeceiras, andam pelos descampados, guavirais e descansam nas sombras dos pequizeiros copados e de flores mimosas (GOMES, 1988, p. 21)

Em seu artigo “Onde cantam as seriemas de Otávio Gonçalves Gomes: Presença do regionalismo no memorialismo sul-mato-grossense”, Bungart Neto (2008) afirma que, pelo lirismo e pela profundidade dos temas abordados e das cenas evocadas, *Onde cantam as seriemas* é, sem dúvida, um dos pontos altos do memorialismo sul-mato-grossense, característica já apontada por Câmara Cascudo no Prefácio a obra de Otávio Gonçalves Gomes. Diz o eminente folclorista brasileiro:

Otávio Gonçalves Gomes reuniu as figuras e episódios que o canto das seriemas evocara no espaço e tempo das lembranças indeformáveis. É um documentário que a História valoriza porque fixou pormenores na limitação geográfica dos acontecimentos, permanentemente esquecidos pelo historiador mecânico dos sucessos convencionais. O canto das Seriemas sobrevive à cronologia das lutas políticas e das sucessões administrativas, moldura imóvel das exposições oficiais, ressuscitando ‘casos’ que foram emoções coletivas. São ‘instantâneos’ reais e não retratos da galeria protocolar e semelhante às galerias de todos os recantos da amada terra do Brasil (CAMARA CASCUDO apud GOMES, 1988).

Ainda de acordo com Bungart Neto (2008), a representação da fauna do estado e da região, na obra de Otávio pode estar na seriema, que simboliza também o animal gracioso, embora “desajeitada”, e de andar sutil, que “desfila” pelo cerrado do Centro-Oeste como uma dama sensual e provocativa. Já Gomes (1988, p.21) descreve que: “O andar da seriema é hirto; quando caminha parece uma donzela elegante, de salto alto, desfilando na passarela arenosa das estradas”.

O lugar, portanto, onde as seriemas cantam é o próprio livro. A referência está no emprego do advérbio onde para indicar um possível lugar real, de suas experiências humanas produtoras de memórias do tempo de infância, como demarcação geocartográfica de um ponto no território que contribuiu profundamente para elaboração de seus referenciais identitários,

de posturas e de sentido do ser. Tudo é transformado a partir de seu deslocamento para a ficção narrada no texto escrito, impresso e distribuído para o consumo público. Esse *onde*, local em que as *seriemas cantam*, desloca-se para a ficção narrativa e, após o diálogo, a recriação estabelecida por cada leitor, instaura no mundo a possibilidade dele - o mundo do ser humano - acontecer enquanto significado existencial, enquanto espacialidade. Uma dimensão que cada intérprete busca referenciar a partir de suas próprias experiências concretas de vida, a partir da interação com outras imagens e imaginários que, direta ou indiretamente, vivenciou ou sentiu.

Assim, diante da obra de Otávio Gonçalves Gomes somos levados a compreender a junção entre a literatura, pautada pela ficção e a memória, produzida pelo recurso da reconstrução dos fatos. Para compreender a formação identitária sul-mato-grossense, se faz necessário um diálogo entre tais categorias para que possamos retratar o período de aventuras e desventuras da infância do autor vividas na década de 1920 e desenroladas na atual cidade de Ribas do Rio Pardo.

CAPÍTULO III

A (RE) INVENÇÃO DA MEMÓRIA EM *ONDE CANTAM AS SERIEMAS*

A memória é a evocação do passado que consiste na capacidade humana para reter e guardar o tempo já vivido, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. Ou seja, é a garantia da própria identidade, de podermos reunir tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos. Nessa perspectiva, Jaques Le Goff (1996) comenta:

[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423).

A memória sempre foi posta em jogo de forma muito importante na luta das forças sociais do poder, principalmente a memória coletiva. Nesse contexto, Le Goff (1996, p. 426), enfatiza o papel do poder constituído na criação da memória: “[...] tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. Por isso, [...] o estudo da memória social, é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento (LE GOFF, 1996, p. 426).

Segundo a visão de Le Goff, “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1996, p. 477). Portanto, a memória não seria um simples lembrar ou recordar, mas uma das formas imperiosas de nossa existência, que é a relação com o tempo, mas o tempo, com tudo aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. Esquecer é ficar privado de memória e perder alguma coisa; o papel da memória é o de lembrar, para não ficar no esquecimento.

Após o conceito de memória é necessário complementar que a literatura por muito tempo foi considerada como um objeto criado a partir dos elementos fantasiosos, da

imaginação do escritor, não possuindo os requisitos necessários de verdade e legitimidade para servir como fonte de explicação da realidade histórica produzida, ou sobre a qual se referia. Percebe-se que a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições sócio-culturais as quais é construída. A relação entre realidade e ficção situa-se em uma fronteira bastante fluída e relaciona-se intensamente com o universo dos elementos envolvidos na produção de determinada obra (produção-mensagem-recepção).

Neste sentido, é importante destacar o fato de que a produção da obra literária está associada ao seu tempo, refletindo em suas narrativas angústias e sonhos de agentes sociais contemporâneos à sua criação e mesclando elementos de ficção e das possíveis realidades existentes no momento da criação literária. A obra literária é parte do mundo, das criações humanas, e transforma-se em relato de um determinado contexto histórico-social. Qualquer obra literária é também evidência histórica, cabendo ao historiador se debruçar sobre estas obras como uma “nova” fonte de percepção para a produção historiográfica, indagando, questionando, trazendo à tona a sua visão sobre determinado tempo.

A literatura fornece uma versão da “história real” pelos olhos do escritor, observador privilegiado, que mesmo quando não possui o objetivo explícito de “fazer história” com sua obra, acaba por fornecer uma junção de elementos e características capaz de “dizer a história” em que se insere. A literatura como fonte cumpre seu papel primordial que é fornecer elementos substanciais na construção de uma dada versão da verdade dos fatos. Nesse sentido, acreditamos que todo testemunho histórico, independentemente de ser um documento oficial ou uma obra de arte, traz consigo significações que serão entendidas quando devidamente analisada em sua relação com o contexto histórico no qual o objeto foi produzido, revelando as lutas, apropriações e acomodações. Nessa perspectiva, qualquer historiador contemporâneo que se debruce sobre a literatura como fonte pode perceber que a matéria social e histórico é a base central para a produção “ficcional”, e é certo que podemos reconhecer muito do que nos condicionamos a chamar de “realidade” nas peças literárias que lemos. É isso que nos permite mergulhar nas aventuras do personagem, tentados a ocupar-lhes o lugar, dialogando com eles, chorando os desfechos de suas vidas.

3.1 O relato como crônica do cotidiano

De acordo com Candido (2006), a crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. Diz Candido, “Graças a Deus”, porque assim ela fica perto de nós.

A Crônica se ajusta à sensibilidade de todo o dia, elaborando uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural, ela humaniza. A Crônica como gênero, o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo verdade. A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada, quase sempre ela utiliza o humor.

A crônica não foi feita originariamente para o livro, mas para a publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Abrigando-se assim neste veículo transitório. O seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios.

Segundo João Roberto Faria (1995), antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia a dia, políticas, sociais, artísticas, literárias. Mas ao longo do percurso, o folhetim foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar para ficar, sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política. Assim, a crônica é um gênero literário que, a princípio, era um relato cronológico dos fatos sucedidos em qualquer lugar, isto é, uma narração de episódios históricos. Essa relação de tempo e memória está relacionada com a própria origem grega da palavra, Chronos, que significa tempo. Portanto, a crônica, desde sua origem de acordo com (FARIA, 1995) é um

“relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido”.

No Brasil, a crônica se consolidou por volta de 1930 e atualmente vem adquirindo uma importância maior em nossa literatura graças aos excelentes escritores que resolveram se dedicar exclusivamente a ela, como Rubem Braga e Luís Fernando Veríssimo, além dos grandes autores brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade, que também resolveram dedicar seus talentos a esse gênero. Tudo isso fez com que a crônica se desenvolvesse no Brasil de forma extremamente significativa. Também de acordo com Pontes (1981), a crônica é um gênero literário muito antigo. Do grego KRONOS (tempo), encontramos-a nas produções literárias dos povos mais distantes, nascida naturalmente da imperiosa necessidade de narrar, contar, relatar e preservar a memória dos fatos.

3.2 Os relatos como crônicas do dia a dia na obra de Otavio Gonçalves Gomes

Os relatos aqui analisados têm um papel fundamental na formação da memória, da cultura e da construção do novo estado sul-mato-grossense, ou seja, contribuem para o registro histórico do então estado de Mato Grosso do Sul. Na íntegra, o livro *Onde Cantam as Seriemas* é formado por 68 (sessenta e oito) relatos em crônicas que se dividem com títulos bastante curiosos: “As Seriemas”; “A Vila do Rio Pardo”; “O Sabiá”; “O Rio Botas”; “A Ponte do Rio Botas”; “As Festas de São Sebastião”; “O Professor Pimenta”; “A Escolinha do professor Pimenta”; “O Fordeco do seu Pimenta”; “Os Escoteiros”; “A Guarda aos Defuntos”; “O Parque dos Escoteiros”; “Um Homem às Direitas”; “Minha Mãe”; “A Revolução de 1924”; “Enterrados com os Pés de Fora”; “A Castração do Turco”; “Tronco da Família Fontoura da Silva”; “Mudança para o Rio Pardo e Nelson Alves da Silva”; “Delma Fontoura e Silva”; “Dr. Miguel Kozma”; “Dr. Kosma em Rio Pardo”; “Revoltosos na Fazenda Esperança”; “O Trem de Retirantes”; “A Madrinha Delminda”; “O Assassinato do Médico”; “As Guaviras”; “Vida de Carreiro”; “Pito de Caboclo”; “O Nego da Sãna”; “O Barba de Gato”; “O Velho Cleves”; “As Estórias do Augusto Precata”; “O Dentista Caçador”; “Deputado Ferroviário”; “O Belinho”; “Geraldo, um Menino de Ouro”; “Um Herói da FEB que não fala em Guerra”; “O Compadre Horário”; “Um caipira Sul-Mato-Grossense Membro do Colégio de Cirurgiões Americanos”; “Ferroviário, Médico e Herói da FEB”; “O Rui”;

“Rui na Escola da Aeronáutica”; “Rui Herói da Guerra”; “O General Melenas”; “O Valentão”; “A Vingança da Terra”; “Atentado ao Presidente do Estado”; “Degolado na Porta do Caboso”; “Jovens de Rio Pardo vencem na Selva de Pedra”; “O Excêntrico”; “União o Primeiro Jornal”; “Aureliano Brandão”; “Os Bailes do seu Venâncio”; “Luiza Banducci Isnard”; “O Roubo do Peru na Sexta Feira Santa”; “Lavando a Honra com Ferro e Fogo”; “O Armário de Louças Quebradas”; “Origens da Família Rodrigues de Souza”; “Primeira e Segunda Gestão”; “Atuação Política da Família Rodrigues de Souza. O Prefeito Francisco Rodrigues de Souza”; “Atuação da Primeira Dama”; “Os Destaques”; “Relação dos Prefeitos de Ribas do Rio Pardo” e “Ribas do Rio Pardo: Nome das ruas”.

Deste conjunto destacamos três destes relatos em especial, escolhidos pela temática do cotidiano. Apresentados como crônica do dia a dia, estes textos retratam a vida do homem simples do Sul de Mato Grosso. *Onde cantam as seriemas* inscreve-se em uma linha de narrativa memorialística, contendo relatos/passagens que podem ser consideradas como “recriações” de fatos reais, presenciados e vividos pelo escritor na Vila do Rio Pardo, que se manifesta também como narrador destas memórias, portanto, toda a obra é narrada sob a ótica do escritor. As lembranças chegam livres e parecem sair espontaneamente de sua memória no decorrer dos relatos fazendo vir à tona recordações de sua infância, adolescência e ainda fatos envolvendo pessoas que fizeram parte de sua vida, transformadas em personagens.

3.2.1 “A Vila do Rio Pardo”

Neste relato, intitulado “A Vila do Rio Pardo”, Gomes descreve a vila e seus principais habitantes a partir de sua própria experiência como um dos pioneiros da original Vila do Rio Pardo, lugarejo formado por volta do ano de 1900, cortado a partir de 1914 pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNB). Comenta o narrador: “O vilarejo crescia em marcha de carro de boi, pachorrentamente” (GOMES, 1988, p. 26).

Na rua principal da vila, ampla e em linha reta instalavam-se, o comércio, a escola, o cartório e tudo mais que havia de importante no lugarejo. Uma rua comprida, cortada pelos trilhos da E. F. Noroeste, cujo comércio se fazia de um único lado, porque o “corte” da via férrea impedia o livre trânsito para o outro lado. (GOMES, 1988, p. 25).

Nesta passagem, Gomes evidencia o surgimento da vila e a modernidade que se instalava junto aos trilhos da ferrovia. Como se nota, *pachorrentamente*, ou vagarosamente, a cidade surgia, ao lado de um comércio vigoroso. Outro detalhe interessante é que a ferrovia, signo de modernidade também separava e distanciava as pessoas que por ali se instalavam.

Neste relato, como em outros que compõe a obra, percebemos a mistura de elementos culturais que circulavam pelo território sul-mato-grossense, os aspectos culturais caminham juntos para a organização de um processo de identificação territorial. Podemos observar neste relato personagens muito interessantes como Deraldino, migrante nordestino e analfabeto; “[...] que se dava importância, assinava o Estado de São Paulo, era constantemente visto, sentado à porta de sua loja com o jornal na frente do nariz e de cabeça para baixo”(GOMES, 1988, p. 29).

Nesta passagem percebemos como Sul do antigo Mato Grosso se construía na confluência de diversas culturas e detalhadamente temos o registro do nascimento da Vila do Rio Pardo: “lugarinho cortada pelos trilhos da E. F. Noroeste” (GOMES, 1988, p. 25). Vale a pena ressaltar a contribuição da Casa Fontoura, estabelecimento ligado ao comércio, para o desenvolvimento e crescimento da Vila. A casa Fontoura foi, durante muito tempo a maior casa de comércio da vila e os moradores de toda região, como Capela, Sucuriú, Camapuã, Entre Rios (atual Rio Brillhante), entre outros lugares do entorno vinham até ela fazer suas compras. O sucesso era tanto que vinham carros até da divisa do Estado de Goiás, conforme o memorialista comenta:

Esses carros vinham de longe, umas cinquenta léguas em torno, viajando meses. Vinham buscar o sal, o arame, os tecidos, os calçados, os medicamentos e todos os recursos, de que necessitavam os fazendeiros [...] esse mundo todo vinha comprar suas mercadorias, na beira da estrada de ferro, Em Rio Pardo, na Casa Fontoura. (GOMES, 1988, p.26).

Portanto, com todo esse fluxo de pessoas passando pela Vila do Rio Pardo, para fazer suas compras, trazendo lucros para a vila, é notável o crescimento do lugar pelas vias do comércio e da economia. Ainda no relato destacam-se duas fotos do lugar descrito: uma apresentando o velho sobrado, e a outra representando o sobrado novo, ex-prefeitura e atual fórum local, conforme podemos conferir nos anexos deste trabalho.

O narrador ressalta os costumes da época, contando que em frente ao sobrado havia três mangueiras, embaixo delas toras de aroeiras que serviam de banco, sendo esse o ponto de encontro dos moradores mais desocupados para conversas. Ali também cada um expunha seu ponto de vista e fazia negócios, o narrador deixa claro que ali debaixo das mangueiras eram decididos quase todos os acontecimentos da vila.

Então Otávio segue descrevendo o lugar, trazendo ao nosso conhecimento que as primeiras casas de moradia eram de madeira, de taipa e as mais pobres eram ranchos de capim. Mas, com o passar do tempo vieram às casas de alvenaria, ele conta que sua casa de moradia com a família foi a melhor construída na época, e que foi por muito tempo a primeira residência com água encanada. Após esse breve relato acerca das moradias, Otávio retoma o assunto sobre as mangueiras, podemos então perceber que o narrador não segue uma linha de pensamento só, ele vai comentando e no meio deste lembra-se de outros acontecimentos, o qual passa a relatar, para depois retornar ao início, no caso aqui sobre os encontros embaixo das mangueiras.

Prossegue Otávio, contando que nesses encontros, os homens costumavam fumar cigarro palheiro de fumo goiano o qual ele dá o nome de “pito”, lembra que seu pai era um desses fumantes e muitos daqueles não levavam os preparos para seu próprio cigarro, emprestavam dos outros desde a palha, o fumo e até o fósforo para acender o pito. Otávio então se recorda de um caso bastante engraçado de um caboclo, “que chegou na casa do compadre e: almoçou, tomou café, jantou, e na hora de dormir não tinha rede. O compadre que o esteve observando aquele tempo todo – matuto espirituoso lhe disse: “uai cumpade, de traia de durmi, vance só trais mesmo o zoio” (GOMES, 1988, p. 26-29). Assim diz Otávio que eram os fumantes daquela época, de “traia” de fumar só levavam mesmo os beijos.

Ali durante os encontros se falava assuntos variados, e muitos dos que ficavam por ali bisbilhotando como quem não quer nada, ao saírem iam para a vila fofocar tudo que ali ouviram logo todos ficavam sabendo de tudo que foi falado embaixo das mangueiras, Otávio mostra muito bem esse detalhe de fofocas, que é típico de vilarejos pequenos, onde se é possível saber da vida de todo mundo.

Também neste relato é bem colocada a questão da educação, de como nesses vilarejos recém-formados era muito difícil até inexistente o acesso a escolas, mas havia aqueles poucos que eram alfabetizados, Otávio nos mostra essa questão quando diz, “As pessoas alfabetizadas, que liam jornais, recebiam as notícias do país pelos trens da Noroeste” (GOMES, 1988, p. 29).

Neste trecho, o narrador traz ao nosso conhecimento como naquela época era comum as pessoas serem analfabetas, o acesso a escola, a educação era mais difícil em relação aos dias de hoje, mas havia no vilarejo aqueles que sabiam ler e recebiam os jornais com as notícias de todo o país através do trem da Noroeste.

3.2.2 “Vida de Carreiro”

Em “Vida de Carreiro” Otávio descreve aspectos regionais ligados à fauna à flora da região. Neste sentido podemos observar no relato em crônica de como o escritor fala detalhadamente do modo de vida e costumes de personagens típicos dos cerrados:

É madrugada, muito antes de amanhecer o dia no sertão, o carreiro acorda. Olha a lua, as estrelas, e vê o céu que está limpo. Observa os prenúncios de claridade para os lados do nascente. Vê a altura da estrela dalva, ouve o pipilar de alguma ave madrugadeira e sabe que está na hora de desarmar a rede. O carreiro em viagem prefere as moradas com mangueiros para recolher os bois à noite; mas nos sertões desabitados, qualquer cabeceira com um varjão, qualquer várzea no pontal de um córrego com um rio, alguma ponta de cabeceira no brejo, uma cerca embicando numa pindaíba – tudo serve para recantear os bois de carro. (GOMES, 1988, p. 119).

Percebemos nesse trecho o quanto o narrador é poético, mostrando ao leitor a vida do carreiro, homem até então considerado rústico e durão. Otávio fala do amanhecer no sertão, da sensibilidade desse homem, que conhece a natureza, e não precisa de relógio para saber que amanhece, é chegada a hora de levantar para seguir viagem.

Assim como personalidades características da época, o carreiro viajante é descrito em sua totalidade, minuciosamente, e assim passamos a conhecer como eram suas viagens, suas refeições à base de carne seca e arroz, o cafezinho que faziam a beira da estrada, o mate que tomavam na madrugada antes de seguir viagem que, quase sempre, durava meses, pois o carreiro não tinha pressa e carregava todo mantimento necessário no carro de boi.

Otávio nos dá detalhes de como era a vida desses viajantes. Em suas viagens os carreiros preferem as moradas com mangueiros para recolherem os bois a noite, logo após começam os preparativos para o jantar. O narrador conta que o carreiro pega água numa

cabaça, junta também a lenha, acende o fogo e coloca a *maruca* no fogo. Esse termo *maruca* é próprio dos carreiros, que o narrador faz questão de nos especificar que *maruca* é um tripé no qual a panela de ferro fundido é pendurada para o cozimento, ele ainda nos dá detalhes da panela utilizada pelo carreiro: “A panela tem uma alça semi-circular e é de três pés, também.” (GOMES, 1988, p. 119).

Otávio nos conta, detalhadamente, todo o processo desde a escolha do toucinho, a escolha e lavagem do arroz, até o arroz ficar pronto para o consumo, este é o famoso arroz de carreiro que conhecemos hoje. Enfim, o arroz fica pronto e o narrador comenta: “Sentado num tronco de árvore caída, ou num mocho, banquinho caipira de três pés – o carreiro come e come bem, com aquele apetite de quem trabalhou ao relento e no trabalho pesado”. (GOMES, 1988, p. 120).

O narrador prossegue nos dando detalhes do cotidiano desses viajantes, que com o pôr do sol, o carreiro arma sua rede para descansar. Este momento é detalhado mais uma vez poeticamente pelo narrador:

Ao crepúsculo, quando a saracura canta triste na beira do brejo, o jaó responde na matinha beira-córrego, e a juriti suspira e geme na mata, o caboclo se alembra de sua palhoça e sente a saudade apertar o coração. Fica a matutar, horas e horas, depois adormece e dorme tranquilo. É um sono leve, atento a qualquer movimento estranho. (GOMES, 1988, p. 121).

Percebemos nesse trecho que o narrador nos mostra um lado sensível destes homens considerados rudes, que trazem no peito a saudade da casa e da família. Ainda neste trecho o narrador humaniza as aves que descreve, falando como se fossem seres humanos, possuidores de sentimentos, como o cantar triste da saracura e o cantar da juriti que mais parece um suspiro ou um gemido.

Nesse relato, Gomes (1988) exalta os desbravadores, os pioneiros e aqueles que tinham a árdua saga de levar o desenvolvimento às áreas inóspitas de nossa suntuosa terra, exuberante por natureza, porém selvagem e pronta para ser domada pelos colonizadores, então comenta:

Essa é a vida do carreiro, o construtor das antigas estradas com roda de carro e o casco de boi. Os pioneiros que trouxeram o progresso e a civilização que gozamos agora. Aos carreiros de antigamente, heróis anônimos que transportaram cantando e ajudaram o Brasil a se expandir cada vez mais para Oeste – o nosso preito de reconhecimento. (GOMES, 1988, p. 123-124).

Percebemos então, os indícios da fixação regionalista, de memórias constituídas baseando-se no modo de vida dos habitantes do interior brasileiro, através de seus hábitos rústicos, contracenando com o ambiente natural. O elemento humano é transformado em personagem de ficção, para que os leitores que não viveram nesses dias, não conheceram o carreiro, ao ler esta obra, em especial este relato, tenham conhecimento de como viveram e contribuíram estes pioneiros na sua singeleza, para o desenvolvimento de nosso estado e da nossa Literatura.

3.2.3 União o primeiro jornal

Neste relato, podemos observar a inclinação de Otávio para o mundo das letras. Desde jovem já despontava com suas criações no mundo da Literatura, como veremos em seu relato de memória dos tempos do Ginásio. O poema composto por duas estrofes, na qual a primeira letra de cada verso, forma verticalmente o nome da Vila Rio Pardo, onde Otávio vivia, citada pelo próprio autor em seu livro, (GOMES, 1988, p. 18) intitulada:

ACRÓSTICO

Recamada de grama verde e bela
Isenta de alarde é teu povo ordeiro
Ocultas minha pobre cidadela

Porvir próspero: meu sonho fagueiro.
Abençoa-te lá no alto a capela
Rega-te o rio calmo e sobranceiro
Doura-te o sol e a lua a noite vela
O teu sono do cimo do outeiro.

Assim, no relato “União o primeiro jornal”, lembra Otávio que na povoação apesar do visível progresso, faltava um veículo de comunicação. José Bezerra de Lima, agente da Estação da E. F. Noroeste do Brasil, afeiçoado ao jornalismo faz amizade com Calixto, que buscava seu jornal “Estado de São Paulo” na estação todos os dias, durante essa convivência diária, eles comentavam sobre acontecimentos nacionais. Diz Otávio, numa época em que não havia nem os prosaicos transistores, a pilha, surge a ideia da fundação de um jornal e foi assim que nasceu o jornalzinho tipo tabloide que recebeu o nome ‘União’. Trazia o noticiário de um modo geral, coluna social escritas por Calixto, artigos literários e contos que eram especialidade de Bezerra Lima. Comenta Gomes (1988),

Nós que já frequentávamos o ginásio, admirávamos os contos de sua autoria, mas ficávamos intrigados quando o contista finalizava as suas historietas utilizando o elemento surpresa, o indefinido, ou hilariante. É que estávamos principiando as nossas primeiras tentativas de iniciação literária. Realmente o jornalzinho agradava. De circulação mensal, era aguardado com ansiedade. (GOMES, 1988, p. 217-218).

Otávio conta que quando frequentavam a 4ª série ginasial foram eleitos vice-presidente do Grêmio Literário Castro Alves, do Colégio Osvaldo Cruz. Assim o jornalzinho estudantil “Vida Escolar” publicou o primeiro trabalho apresentado por eles no Grêmio do colégio, conta Gomes (1988),

E o Manoel Ballian, Diretor da “Vida Escolar” enviou um exemplar ao “União”, que o reproduziu. Foi um reboliço na vila. Um menino da vila que despontava nas colunas dos jornais. Isso se deu em 1.936. Assim foi que surgiu o primeiro jornal em Rio Pardo por volta de 1.930, fundado por José Bezerra de Lima e Calixto Bunazar. Saindo de Rio Pardo por volta de 1.931 para estudar fora, perdemos o contato com a vila e não sabemos por quanto tempo circulou o referido jornal. (GOMES, 1988, p.218).

Portanto, este relato nos mostra que com o crescente progresso, a Vila do Rio Pardo necessitava de um veículo de comunicação, esses meios se fazem indispensáveis para o desenvolvimento de uma região para registrar os acontecimentos, trazer notícias a população. Assim nasce o jornal pioneiro o “União” que marcou época na Vila do Rio Pardo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, o objetivo foi trazer ao conhecimento dos leitores e acadêmicos a vida do poeta e escritor sul-mato-grossense, Otávio Gonçalves Gomes, e sua obra *Onde cantam as seriemas*. Otávio ao recordar a sua infância vivida na Vila do Rio Pardo, fundi memória, literatura e história.

A (re) invenção da memória através dos relatos de Otávio na obra em questão é fundamental para o registro histórico da formação cultural e a história literária do estado de Mato Grosso do Sul. Otávio em seus relatos, ou seja, testemunho de sua vida contribuiu de forma significável para a literatura do estado.

Analisando a obra, percebemos que ao mesmo tempo em que o escritor resguarda a memória local, produz a construção da cultura desse local através de seus relatos que, narrados e lembrados nas páginas de *Onde cantam as seriemas* delimitam esse local como um espaço de múltiplas vivências que exala reminiscências.

É importante salientar, a notável contribuição de Otávio como acadêmico e ex-presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras. Através de seu trabalho, bem como sua colaboração como membro da Academia para a construção e escolha dos símbolos culturais que formariam a identidade do estado que nascia, destacando sua contribuição para a criação do Hino de Mato Grosso do Sul.

Portanto, fica clara a riqueza da obra como registro histórico da formação e da história literária do então estado de Mato Grosso do Sul, considerando assim, esta obra como uma daquelas que contribuem com registros da literatura regional.

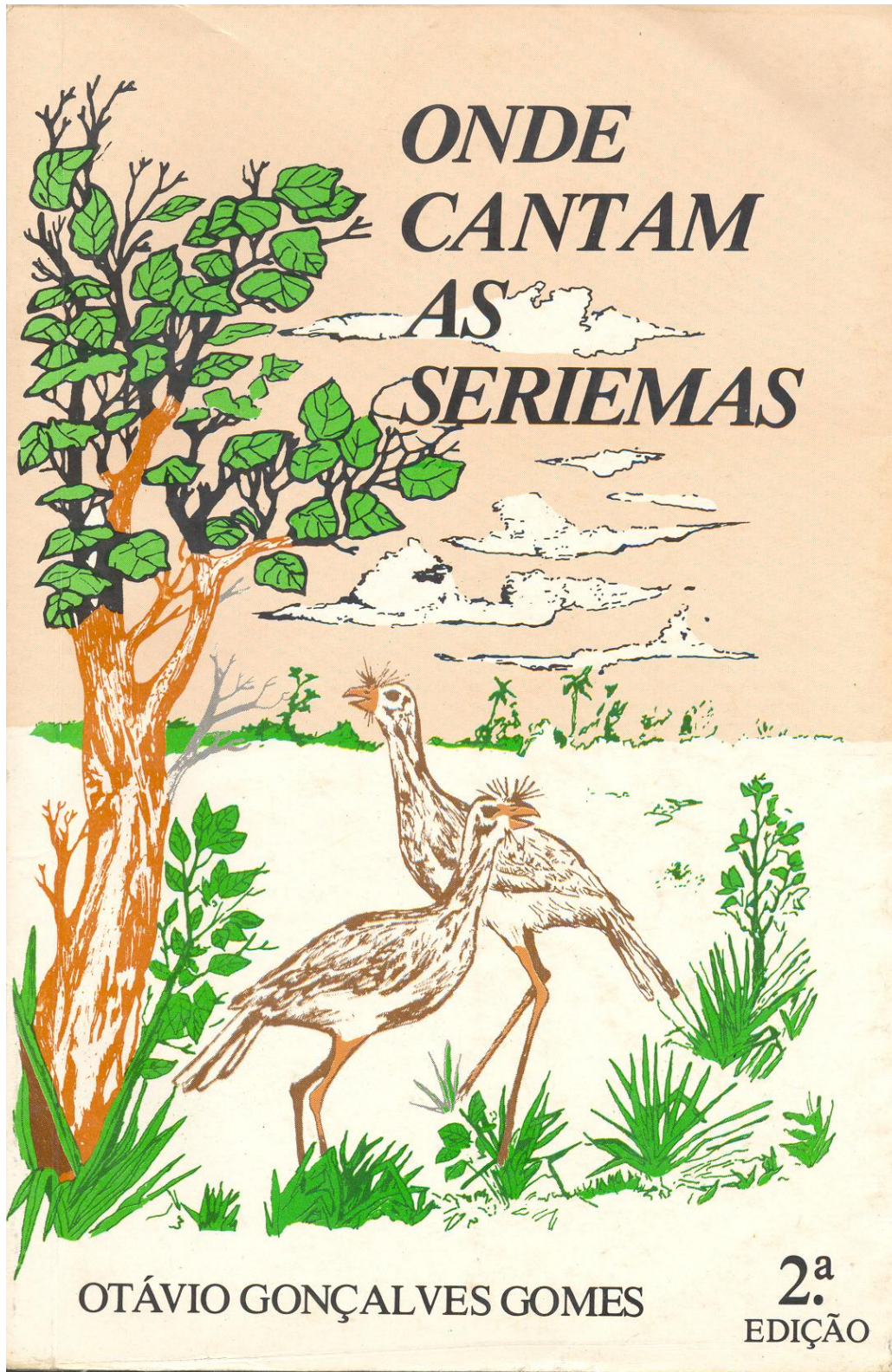
REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Carlos Magno Mieres. *Os intelectuais e o poder: História, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul*. 2006. (Dissertação apresentada para o curso de Mestrado em História da Faculdade de Ciências Humanas) Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados –MS, 2006.
- BIASOTTO, Wilson Valentim. *Prá quem fica a seriema?* In: O Progresso, Dourados, 10 de maio 1999, p.2.
- BUNGART NETO, Paulo. *O memorialismo no Mato Grosso do Sul como testemunho da formação do estado*. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: UFGD, 2009, p.111 – 127.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: ANDRADE, C. D. et al. *Para gostar de ler crônicas*. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2006.
- FARIA, João Roberto. *Crônicas escolhidas – José de Alencar*. São Paulo: Ed. Ática e Folha de São Paulo, 1995.
- GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. 2. ed. Campo Grande: 1988.
- SENA JUNIOR, Gilberto Ferreira. *Realidade versus ficção: A Literatura como fonte para a escrita da história*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- PONTES, José Couto Vieira. *História da Literatura Sul-Mato-Grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.
- SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Literatura e práticas culturais*. Dourados, MS: UFGD, 2009.
- SOUZA, Adauto de Oliveira et al. *Transfazer o espaço: Ensaio de como a literatura vira espaço e vice versa*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

ANEXOS

ANEXO A

Capa do livro: *Onde cantam as seriemas*



ANEXO B

Relato cronístico: “A Vila do Rio Pardo” retirado do livro *Onde cantam as seriemas*

A VILA DO RIO PARDO

Na rua principal da vila, ampla e em linha reta instalavam-se o comércio, a escola, o cartório e tudo mais que havia de importante no lugarejo. Uma rua comprida, cortada pelos trilhos da E.F. Noroeste, cujo comércio se fazia de um único lado, porque o “corte” da via férrea impedia o livre trânsito para o outro lado.

A primitiva estação da estrada de ferro era de madeira, depois vieram o sobrado de esteios de aroeira da firma Fontoura e a estação nova.

O sobrado foi construído pelo meu tio-avô, o velho Filadelfo Alves da Silva, que tinha a mania dos sobrados. O primeiro foi na fazenda Esperança e todas as casas que construiu foram de dois pavimentos.

Esse sobrado da vila sustinha-se em esteios de aroeira lavrada. Todo o esqueleto do prédio era sustentado por essas madeiras de lei, que faziam as vezes dos pilares e vigas de concreto, usados atualmente.

Na frente do sobrado havia três mangueiras naquela época, o ponto mais importante de reuniões da vila. À sombra das mangueiras vários pedaços de toras de aroeira lavrada, restos de esteios e vigas da ponte do Rio Botas – serviam de bancos.

Ali se faziam o “ponto” de conversa e reuniões dos desocupados, dos filadores de cafezinho. Servia-se o café na loja, à hora certa. Ali se trocavam de pontos de vistas e realizavam-se negócios também.

Debaixo das mangueiras se decidiam quase todos os acontecimentos da vila.

O velho sobrado foi tão bem construído, que passados mais de meio século, lá está ele firme e inabalável. Ali nasceu a Casa Fontoura, que funcionou durante mais de 30 anos.

As casas da vila, no princípio eram de madeira, de taipa e ranchos de

capim, as mais pobres.

Muito tempo depois, vieram as casas de alvenaria, com a instalação da olaria dos irmãos Gomes, de Campo Grande.

A nossa moradia foi a melhor casa construída na época: alvenaria coberta de telhas francesas e com vidros coloridos, a grande novidade da vila. Foi a primeira e única residência com água encanada durante muito tempo. Depois vieram a casa do Rachid Abes, do Deraldino dos Santos, do Abdon Bunazar, o novo sobrado do meu tio-avô Filadelfo Alves da Silva: bonito e soberbo; sede da nova firma Silva Gomes & Cia. O reboco externo era de cor amarelo-oca. A firma teve pouca duração, mas esse sobrado foi a Prefeitura Municipal de Ribas do Rio Pardo.

Veio, depois, devagarinho, engulindo a velha casa de madeira, a construção de alvenaria de Hene Fahed, que foi posteriormente a maior casa de comércio da vila.

O vilarejo crescia em marcha de carro de boi, pachorrentamente.

Esses carros vinham de longe, umas cinquenta léguas em torno, viajando meses. Vinham buscar o sal, o arame, os tecidos, os calçados, os medicamentos e todos os recursos, de que necessitavam os fazendeiros.

Os carros vinham desde a divisa de Goiás; Baús, Capela, Sucuriú, Figueirão, Camapuã, Lontrinha, Entre-Rios (atual Rio Brilhante) e do rio Pardo abaixo até Porto XV. Esse mundo todo vinha comprar suas mercadorias, na beira da estrada de ferro, em Rio Pardo, na Casa Fontoura. Laucídio Coelho foi freguês da Casa Fontoura quando morava em Entre-Rios.

Mas voltemos às mangueiras. As pessoas da vila, o “zé povinho”, tinham pouco que fazer. Levantavam-se e iam logo para debaixo das mangueiras, saber as novidades. As do sertão vinham “de a cavalo” ou de carro mineiro cantador.

Naquele tempo até meu pai fumava cigarro palheiro de fumo goiano. As pessoas chegavam e se encostavam por ali. Tiravam a palha, pediam o fumo emprestado, picavam-no; faziam o cigarro, pediam o fósforo, ou a binga para acender o pito.

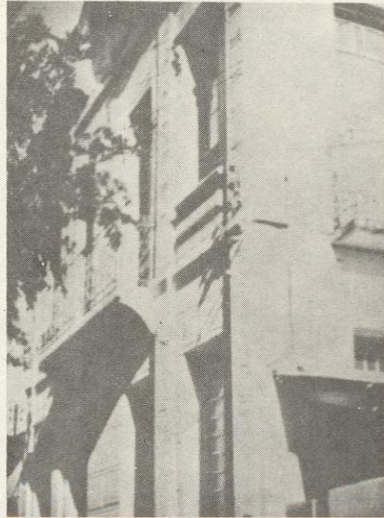
Faziam como o caboclo daquela história, que chegou na casa do compadre e: almoçou, tomou café, jantou, e na hora de dormir não tinha rede.



O velho sobrado — Antiga Casa Fontoura



Sobrado Novo — Ex-Prefeitura Municipal — Forum atual.



Sobrado da Av. Afonso Pena – Campo Grande



Residência de Goiânia – Sobrado

O compadre que o esteve observando aquele tempo todo — matuto espirituoso lhe disse: “uai cumpade, de traia de dummi, vance só trais mesmo o zoio”...

Assim são certos fumantes, desde aquela época: de “traia” de fumar só trazem mesmo os beijos.

Uma vez aceso o cigarro, o fumante ia fumegando e proseando. Iam especulando, e cuspinhando, e se inteirando devagarinho de todos os acontecimentos da noite. As pessoas mais humildes chegavam, se encostavam na mangueira, ou se sentavam no banco de toras de aroeira. Ficavam ali a ouvir como quem não quer nada.

Ouviam, ouviam; às vezes não diziam nada, e saiam. Dalí a pouco a vila toda sabia de tudo o que eles ouviram.

Ao sair dalí o novidadeiro passava na casa comercial do Hene Fahed, e transmitia a notícia. Outro, ouvia e levava a novidade para a casa do Rachid, dali para o Garone, para o Deraldino até chegar na última casa de comércio, a do Abdon.

Outros bisbilhoteiros faziam o trajeto em sentido contrário: começavam no correio, palestrando com a Maria, filha do Sebastião “Casqueiro”, passavam pela casa do Olímpio dentista, bisbilhotavam os telegramas com o telegrafista da Noroeste, passavam pelo hotel da Estação e seguiam rumo aos Fontoura, novamente.

Era esse o trajeto do “disse-me-disse” da vila. Os desocupados às vezes tinham muito o que fazer.

As pessoas alfabetizadas, que liam jornais, recebiam as notícias do país pelos trens da Noroeste, os quais iam e vinham, todos os dias, nos horários de 22 horas às 2 da madrugada.

O Deraldino, nordestino, analfabeto, que se dava importância, assinava o “Estado de São Paulo”, e era constantemente visto, sentado à porta de sua loja com o jornal na frente do nariz e de cabeça para baixo.



Fazenda Esperança - fundos.

ANEXO C

Relato cronístico: “Vida de Carreiro” retirado do livro *Onde cantam as seriemas*

VIDA DE CARREIRO

É madrugada, muito antes de amanhecer o dia no sertão, o carreiro acorda. Olha a lua, as estrelas, e vê o céu que está limpo. Observa os prenúncios de claridade para os lados do nascente. Vê a altura da estrela dalva, ouve o pipilar de alguma ave madrugadeira e sabe que está na hora de desarmar a rede.

O carreiro em viagem prefere as moradas com mangueiros para recolher os bois à noite; mas nos sertões desabitados, qualquer cabeceira com um varjão, qualquer várzea no pontal de um córrego com um rio, alguma ponta de cabeceira no brejo, uma cerca embicando numa pindaíba - tudo serve para recantear os bois de carro.

Esses animais, depois de um dia de trabalho, descangados, soltos, vão logo saciar a sede na aguada próxima. Depois saem pastando sob a guarda do candeiro, que é quase sempre um menino.

Ao escurecer, os bois se juntam e permanecem ruminando. Mais tarde, já cansados, vão arriando e acostando o corpanzil no chão e ali ficam a ruminar indefinidamente...

O carreiro apanha água numa cabaça, e pega uma braçada de lenha de angico bem sequinha, ali por perto. Com gravetos e folhas secas, acende o lume, trata de colocar a “maruca” sobre o fogo. Maruca é um tripé no qual se pendura a panela de ferro fundido, também conhecida por “mariquinha”

A panela tem uma alça semi-circular e é de três pés, também.

O carreiro está preparando a sua refeição. Retira um naco bem largo de toucinho já salgado em fatias, que traz num caixote dentro do carro. Lava-o bem para tirar o sal, pica-o miúdo e atira na panela que já está quente. O toucinho chia e esfumaceia.

Antes, o cozinheiro improvisado catou o arroz, tirou os “marinheiros”

e lavou-o na cuia com água cristalina do córrego.

Examina e escolhe as mantas de carne seca. Com a faca, ou o facão que conserva dependurado na cinta, corta um bom pedaço. Verificou, antes, cautelosamente, se não existe ali uns bichinhos de varejeira, costumeiros de aparecer nesse tipo de carne. Lava-o bem e passa a cortar a carne, em pedacinhos numa gamela pequena.

A carne depois de lavada é jogada na panela fumegando de quente. Atira a carne e espera um instante para se livrar da gordura que espirra. Mexe e remexe bem o conteúdo da panela, com a colher de pau, até ficar tudo fritinho.

O arroz já lavado, pingando água da mão, é atirado na panela quente.

A essa altura a carne picada está bem frita, com os temperos. O arroz chia forte; vai frigindo até ficar tostado.

Aí se põe a água, e o arroz é afogado. Recende da panela um cheiro gostoso e se ouve um ruído característico, abafado, de coisa refogada, que é sufocado pela tampa da panela.

A comida é temperada com sal e provada. Coloca-se um bocadinho quente na palma da mão. A panela é tampada novamente, deixando o arroz cozinhar borbulhante na fervura.

Quase sempre esse cozinheiro improvisado não tem alho, cebola ou cheiro. Entretanto é uma delícia comer o seu arroz de carreiro, fumegante, preparado na hora.

Depois de um dia estafante, a comida sabe melhor ainda, se após o banho no ribeirão próximo, houver umas cuiadas de chimarrão; o mate retempera e arrefece o cansaço.

Sentado num tronco de árvore caída, ou num "mocho", banquinho caipira de três pés - o carreiro come e come bem, com aquele apetite de quem trabalhou ao relento e no trabalho pesado.

No final da refeição, bebe um canecão de água pura e fresquinha, nascida na pindaíba.

O candeeiro, que fora encostar os bois, chega; desapeia, solta a barrigueira e desencilha o cavalo. Retira o lombilho, os baixeiros suados, sujos, e os estende no capim, ali por perto.

Desenfrena o animal, ata o maneador no buçal, puxa o cavalo e o amarra numa estaca, ou numa árvore.

A montaria passa a noite atada, mas livre para pastar em volta, onde alcançar a tira de couro comprida - o maneador.

O menino candeeiro chega, aproxima-se do fogo e acorrido trata de comer o seu arroz requentado. Come bastante, que o matuto é de comer muito; dois pratos bem calculados, quando come pouco.

Após o comer, vem o café, que foi torrado na panela e socado no pilão. O cafezinho é coado num instante, que a água já estava fervendo na rabinha ao pé do fogo. O coador está ali, de lado, em uma armaçãozinha de madeira, pronto para passar o café. O líquido é aparado no folhã - um canecão de lata de azeitona, com asa.

A infusão é servida em uma ou duas "xicrinhas" esmaltadas - não existe mais de duas - enfeitadas de florinhas e sem pires. Este é um luxo desnecessário.

O sol posto, o carreiro arma a rede, debaixo do carro; do cabeçalho ao argolão. Essa argola enorme, colocada embaixo do veículo, serve essencialmente para atar as juntas de bois, e arrasta o carro para trás quando engastalhado, ou encravado num atoleiro. Serve, também, para armar a rede, ou ainda para colocar um cambão que facilita a subida no carro.

Ao crepúsculo, quando a saracura canta triste na beira do brejo, o jaó responde na matinha beira-córrego, e a juriti suspira e geme na mata, o caboclo se alembra de sua palhoça e sente a saudade apertar o coração. Fica a matutar, horas é horas, depois adormece e dorme tranqüilo. É um sono leve, atento a qualquer movimento estranho. Levanta-se muito cedo.

No dia seguinte, o candeeiro de cavalo arreado põe o pé esquerdo no estribo, a mão direita segura as rédeas, e com a esquerda na cabeça do arreo, sunga o corpo. Monta a cavalo e vai campear os bois. Quando volta, o café está pronto, o "comê" requentado: é o tira-jejum.

O carreiro, ajudado pelo candeeiro, começa a cangar os bois. Inicia pelas juntas de guia.

Fala com eles dizendo-lhes os nome: Vamos, Malhado; chega, Marchetado... Pega no chifre de um, passa o ajujo na argola do guampo, encastoado

um em cada chifre.

O chifre direito de um boi é atado ao chifre esquerdo do outro. Depois ergue a canga com os canzils, dois de cada lado, colocados nos furos, na medida do pescoço dos dois. Em cada par de canzil, uma brocha. Esta é uma correia de couro cru torcida. A brocha passa por debaixo da barbela dos bois e se ajusta a um pique do canzil oposto, prendendo a canga ao pescoço do animal.

Terminada essa operação que é cangar os bois, começa a operação de juntar as parelhas.

O cambão é colocado no tamoeiro da canga. Aquele se prende à canga por meio da chavelha.

A parte posterior do cambão, a mais pesada, é perfurada. Por essa perfuração passa uma corda grossa, de couro cru, enrolada que é à tiradeira. Esta liga de forma engenhosa à canga.

Assim, sucessivamente, vão-se encambulhando os bois carreiros até chegar aos de cabeçalho, ou bois de coice.

A canga dessa última junta de bois é mais pesada, volteada para ficar na altura do cabeçalho do carro.

Os bois de coice são mais pesados, mais lerdos, mais fortes. O pescoço, precisa ser mais mole, maleável às bacadas e aos golpes do carro, quando nos terrenos acidentados.

Os bois mestres de cabeçalhos, quando ouvem o carreiro dizer: ôa... ou um "psiu"... estacam. E vão praticamente de arrasto, ladeira abaixo.

Quando o carro está vazio, ocupa mais ou menos seis juntas de bois, e até doze quando o carro está carregado.

Em viagem, o carreiro vai quase sempre a pé, ao lado do carro e o candeeiro na frente dos bois, a cavalo.

E lá vai o carro rodando pachorrentamente, pelo sertão, sem pressa. Se está carregado, vai chiando, cantando como diz o matuto, que acha a cantiga bonita, como uma toada triste de viola.

O carreiro não tem pressa. Não usa relógio. O primeiro e último que viu foi um Roskoff do fazendeiro — faz tanto tempo...

Pressa prá quê? se, no carro, carrega arroz, feijão, carne seca, rapa-

dura, café e mate, que dá para ir e voltar. Além do mais, fome ele não passa. Caboclo de Mato Grosso não sabe o que é isso. Se falta carne, mata uma caça; come frutas silvestres; cajuzinho do campo, marmeladinha preta; chupa guavira. Assa mandioca encontradiça em toda capoeira, ou cozinha abóbora de alguma roça, ou de tapera.

Para que pressa se o carreiro não ganha nada para andar mais depressa se ganhasse, fazer o que com o dinheiro? No mato as notas de dinheiro chegam a embolorar até, na guaiaca.

Dinheiro é coisa inventada pela gente da cidade para complicar as coisas. Caboclo não carece de dinheiro. Tudo ali é barganhado. Ele “breganha” um rolo de fumo por uma leitoa, troca uma vaca por um revólver, um laço trançado por um poncho de lã.

Suas precisões, se resumem, quase em comer e dormir com a “muié” e ter muitos filhos.

A sua roupa é de seriguilha, tecido feito de algodão no tear de casa. É um pano tão grosso que canta, na unha, quando experimentada sua resistência.

Para que pressa, se as vacas não vão parir mais bezerros, a roça não vai “purduzir” mais arroz, nem o feijão vai “crescê” mais depressa.

Qual, não paga a pena... A vida é sempre a mesma coisa. Levantar cedo, de madrugada, tomar café ralo, adoçado com rapadura, chupar chimarrão, comer o arroz de carreiro ou com carne seca assada; cangar os bois e carrear.

A vida de carreiro... Qual a sua preocupação? Se os bois se “esguaritam” durante a noite, se a chuva não molhou a “traia de carrea” - se o coureme amolece todo torna-se frágil e se arrebenta totalmente.

Se a lua é minguante, se está pendendo de lado da chuva, se a roça vai ser boa...

São essas as preocupações do carreiro. Ele é feliz na sua çalma e singeleza.

Essa é a vida do carreiro, o construtor das antigas estradas com roda de carro e o casco de boi. Os pioneiros que trouxeram o progresso e a civilização que gozamos agora.

Aos carreiros de antigamente, heróis anônimos que transportaram cantando e ajudaram o Brasil a se expandir cada vez mais para Oeste — o nosso preito de reconhecimento.

ANEXO D

Relato cronístico: “União o primeiro jornal” retirado do livro *Onde cantam as seriemas*

“UNIÃO” O PRIMEIRO JORNAL

Já citamos os nomes dos jovens que haviam estudado fora, ou estavam estudando em outros estados. Dentre eles falamos em Calixto Bunazar que havia tomado parte na fundação do clube social e da biblioteca.

Faltava no entanto um veículo de comunicação. Foi aí que surgiu a oportunidade do Calixto se destacar.

Nasceu ele em 16 de abril de 1.908, em Uberaba. Filho de Abdon Bunazar, comerciante de origem árabe, casado em Uberaba com Cornélia Anconi Bunazar.

Estudou no Liceu Coração de Jesus de São Paulo, um colégio de Padres, diplomou-se contador. De regresso assumiu o escritório da casa comercial do pai; na Vila era: o sacristão, o escrivão, o escriba para todos os que necessitassem redigir alguma carta, ou lavrar atas de qualquer espécie, era o consultor, e orientador para tudo que se relacionasse com leis, ou exigisse conhecimento humanístico.

Numa das periódicas reviravoltas políticas, foi nomeado Tabelião do Registro Geral da Vila.

Na povoação apesar do relativo progresso faltava um veículo de comunicação. Quando foi agente da Estação da E.F. Noroeste do Brasil, José Bezerra de Lima, que era afeiçoado ao jornalismo. Da convivência diária com Calixto, quando ia à estação adquirir o jornal “Estado de São Paulo”, fizeram-se amigos.

Nesse contato permanente, comentavam sobre os acontecimentos nacionais, numa época em que não havia nem os prosaicos transistores, a pilha, surgiu a idéia da fundação de um jornal.

Foi assim que veio a lume o jornalzinho tipo tabloide que recebeu o nome “União”. O noticiário de um modo geral, a coluna social e demais notícias ficavam a cargo do Calixto. Os artigos literários e os contos constituíam especialidade de Bezerra Lima.

Nós que já frequentávamos o ginásio, admirávamos os contos de sua au-

toria, mas ficávamos intrigados quando o contista finalizava as suas histórias utilizando o elemento surpresa, o indefinido, ou hilariante. É que estávamos principiando as nossas primeiras tentativas de iniciação literária. Realmente o jornalzinho agradava. De circulação mensal, era aguardado com ansiedade.

Quando frequentávamos a 4.^a série ginásial e fomos eleito vice-presidente do Grêmjo Literário Castro Alves, do Colégio Osvaldo Cruz, o jornalzinho estudantil “Vida Escolar” publicou o primeiro trabalho nosso apresentado no Grêmio do colégio.

E o Manoel Ballian, Diretor da “Vida Escolar” enviou um exemplar ao “União”, que o reproduziu. Foi um reboliço na vila. Um menino da vila que despontava nas colunas dos jornais. Isso se deu em 1.936. Assim foi que surgiu o primeiro jornal em Rio Pardo por volta de 1.930, fundado por José Bezerra de Lima e Calixto Bunazar. Saindo de Rio Pardo por volta de 1.931 para estudar fora, perdemos o contato com a vila e não sabemos por quanto tempo circulou o referido jornal.

Bezerra de Lima foi transferido de Rio Pardo, Calixto mudou-se para Uberaba, sua terra natal. O “União” foi jornal pioneiro, que assinalou uma época na vilã do Rio Pardo.

Calixto Bunazar que era natural de Uberaba, lá se casou com sua prima Esmeralda vindo a residir com a esposa em Rio Pardo. O jovem nubente, como dissemos anteriormente, era uma pessoa culta, prestativa, e mantinha correspondência com políticos e mais pessoas importantes de Campo Grande e de Cuiabá então capital do Estado. Na época havia dificuldade de transporte e de correspondência.

Pois o Calixto mantinha correspondência com o Secretário Geral do Estado de Mato Grosso; Ponce de Arruda o imediato do Interventor Julio Muller. Foi quem fez a campanha para a emancipação política do município, conseguindo juntar toda a documentação necessária inclusive os comprovantes.

Foi nesse final de campanha, quando o município já estava praticamente criado que Calixto mudou-se para Uberaba. Não fosse a sua transferência de domicílio e por mérito, seria designado o primeiro Prefeito Municipal, cujo município se instalou em 1.944.

Em Uberaba CALIXTO BUNAZAR foi Secretário Administrativo da Câmara Municipal, onde se aposentou.

O casal teve os seguintes filhos: José Ronaldo advogado; José Rochedo advogado, Rosalina advogada e professora, José Mauricio cirurgião-dentista. A família reside atualmente, em Uberaba.